

G e o g r a f i a ,

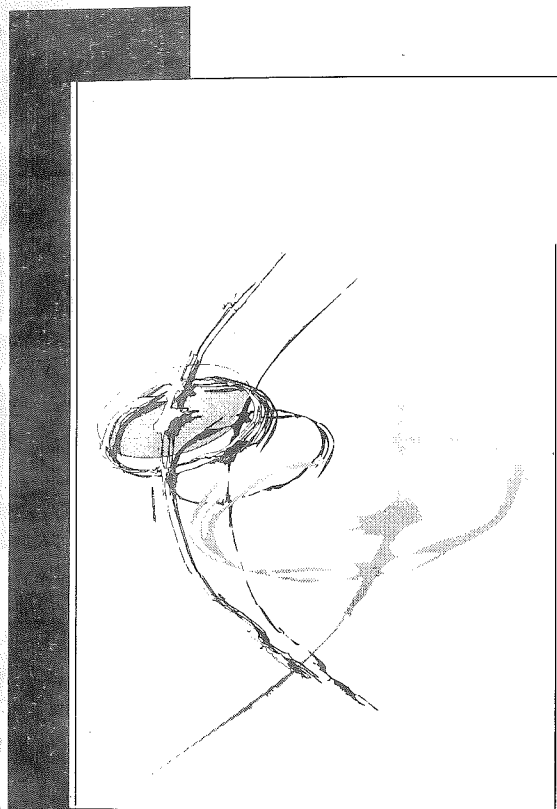
Política e Cidadania

“O Estado, como guardião do desenvolvimento, começa a ver abalada a sua legitimidade, tanto pelo seu caráter regulador no interesse de todos, como pelo seu caráter de referência de uma comunidade de destino, nacional. No lugar da centralidade do poder que esteve, como vimos, na base da constituição dos Estados Territoriais Modernos, se fala cada vez mais de descentralização, de comunidades locais, do lugar. Ao mesmo tempo se fala de Planetarização, Globalização, Mundialização, de Capitalismo Mundial Integrado. Tudo está a indicar que nos encontramos imersos numa enorme tensão de territorialidades e, como não existe territorialidade sem processos e sujeitos que as institui, torna-se necessário que tentemos identificar alguns desses vetores instituintes que estão em curso.”

Carlos Walter Porto Gonçalves

Geografia,

Política e Cidadania



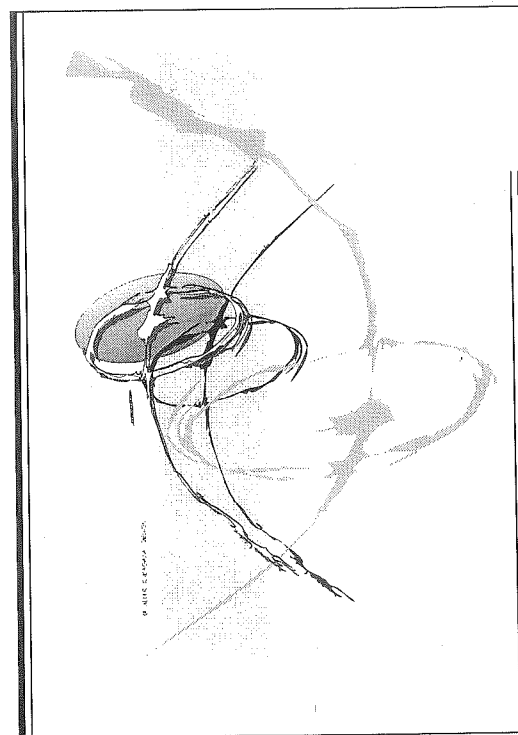
TERRA
LIVRE

1996

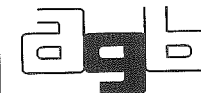
11-12

Geografia,

Política e Cidadania



ASSOCIAÇÃO
DOS GEÓGRAFOS
BRASILEIROS



TERRA LIVRE nº 11/12
ISSN 0102-8030

TERRA LIVRE é uma publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Os artigos expressam a opinião do(s) autor(es), não implicando, necessariamente, na concordância da Diretoria Executiva ou do Editor.

Editor Responsável: Carlos Augusto de Amorim Cardoso
Revisão dos textos em inglês: Mirian Gutjahr/Tatiana Shor
Revisão dos originais: Carlos Augusto de Amorim Cardoso, Doralice Sátyro Maia, Wagner Costa Ribeiro, Genylton Rocha, Alexandrina Luz, Maria de Fátima Ferreira.
Ilustração da capa: Almir Kubagawa
Editoração Eletrônica: Augusto Gomes

Conselho Editorial

Aldo Paviani, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armem Mamigonian, Aziz Nacib Ab'saber, Beatriz Soares Pontes, Carlos Walter Porto Gonçalves, Gil Sodero de Toledo, Heinz Dieter Heidemann, Horieste Gomes, José Pereira de Queiroz Neto, José Borzachiello da Silva, José Willian Vesentini, Lylian Coltrinari, Manoel Fernandes Gonçalves Seabra, Manoel Correia de Andrade, Maria Lúcia Estrada, Marcia Spyer Resende, Milton Santos, Nelson Rego, Pasquale Petrone, Ruy Moreira, Samuel do Carmo Lima, Silvio Bray e Tomoko Iyda Paganelli.

Diretoria Executiva Nacional

Presidente: Odette Carvalho de Lima Seabra (AGB-São Paulo)

Vice-Presidente: Maria das Neves da Silva (AGB-Recife)

1º Secretário: Alexander Sergio Evaso (AGB-São Paulo)

2º Secretário: Isorlanda Caracristi (AGB-Fortaleza)

1º Tesoureiro: Carlos Roberto de Oliveira (AGB-São Paulo)

2º Tesoureiro: Silvia Regina Mascarin (AGB-Campinas)

Coordenação de Publicações: Zeno Soares Crocetti (AGB-Curitiba)

Carlos Augusto de Amorim Cardoso (AGB-João Pessoa)

Comissão de Apoio às Seções Locais: Alexandre Souza da Rocha (AGB - São Paulo)

Representantes CONFEA/CREA: Tit. - Nelson Garcia Pedroso (AGB-São Paulo)

Supl. - Pedro Guedes Vianna (AGB-Curitiba)

Qualquer correspondência pode ser enviada para:
AGB Nacional (a/c da Coordenação de Publicações)

Caixa Postal 64.525

CEP 05497-970 - São Paulo - SP

Telefone: (011) 818-3758

Copyright © 1992-93 by AGB

SUMÁRIO

- 9 **GEOGRAFIA POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**
Carlos Walter Porto Gonçalves
- 77 **ESPAÇO, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO: Releituras do Território**
Arlete Moysés Rodrigues
- 91 **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: MITO OU REALIDADE?**
Alexander Sérgio Evaso, Clayton Bittencourt Junior, Marcio Abondanza Vitiello, Silvia Maria Nogueira e Wagner Costa Ribeiro
- 103 **POLÍTICA URBANA NO BRASIL, ENSAIO DE UM BALANÇO E DE PERSPECTIVAS**
Fany Davidovich
- 119 **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA FRONTEIRA: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA REVISITADA**
Sérgio Manoel Martins
- 135 **OS DILEMAS HISTÓRICOS DA QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL**
Zilda Márcia Gricoli Iokoi

- 153 REFORMA AGRÁRIA E MODERNIZAÇÃO
NO CAMPO
Bernardo Mançano Fernandes
- 177 ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO
DO GEÓGRAFO-EDUCADOR
Genylton Odilon Rêgo da Rocha
- 189 LICENCIANDOS DE GEOGRAFIA
E AS REPRESENTAÇÕES SOBRE
O "SER PROFESSOR"
Nídia Nacib Pontuschka
- 209 O NOVO PAPEL DA ESCOLA E DO
ENSINO DA GEOGRAFIA NA ÉPOCA DA
TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
José William Vesentini
- 225 INICIAÇÃO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS: OS
GRUPOS, OS ESPAÇOS, OS TEMPOS
Tomoko Iyda Paganelli
- 237 DO LUGAR AO MUNDO OU O
MUNDO NO LUGAR?
Wagner Costa Ribeiro
- 243 PROBLEMAS SOCIAIS DA ESCOLA
E A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE
GEOGRAFIA
Antonio Carlos Pinheiro e Silvia Regina Mascarin
- NOTAS
- 265 A CONTROVÉRSIA MODERNIDADE x
PÓS-MODERNIDADE
Armando Corrêa da Silva
- 269 CONTEXTOS E CIRCUNSTÂNCIAS:
PRINCÍPIO ATIVO DAS CATEGORIAS
Paulo Roberto de Oliveira Rosa

APRESENTAÇÃO

No décimo ano de seu aniversário, a Revista Terra Livre já é reconhecida como um importante veículo de divulgação da Geografia brasileira. Este fato incontestemente qualifica a Terra Livre para seguir em frente com as discussões temáticas sobre a geografia política, as questões ambientais, as reflexões sobre os problemas agrários e o ensino.

Nestes dez anos, uma lista infundável de dificuldades para quem se propõe editar o conhecimento no Brasil preencheria umas boas páginas, mas seria extremamente desgastante. Porém, como nem a Geografia, nem a Terra Livre estão fora das determinações que negam financiamento à produção do conhecimento científico, é necessário ir além dessas simulações e colocar concretamente que estas regras - que criam territorialidades, espaços, e que não são claras -, vão sendo analisadas em seus reflexos sociais por cientistas, professores, técnicos e estudantes que nos dão as fontes e os fatos que fundamentam estas desigualdades. Isto dá vida a esta Terra Livre e à AGB.

Terra Livre vem publicando temas da Geografia Brasileira. Contudo, se estes volumes não, apresentam um único tema deve-se ao fato de que com os artigos que chegaram à nossas mãos foi possível reunir três conjuntos temáticos. Deste modo, o compromisso editorial assumido por esta Coordenação se concretiza com base neles e com a publicação de dois volumes da Revista em uma só. Desta forma acreditamos que se mantém a idéia de uma construção plural da qual a AGB é norteadora e a Revista Terra Livre o veículo de expressão daqueles que fazem da Geografia o seu campo de estudo.

RESUMO

O texto objetiva apresentar o projeto de pesquisa ora em desenvolvimento na EEPG "Procópio Ferreira", localizada no Município de Campinas-SP.

Acentada nos princípios da pesquisa participante, visa através da geografia buscar a compreensão por parte dos envolvidos, das questões de ordem social elencadas pelos professores, questões estas consideradas problemáticas para a plena efetivação do processo ensino-aprendizagem que se desenvolve naquela escola localizada numa área da periferia de Campinas.

Acreditam os autores que a geografia, juntamente com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar, é um meio e instrumento de entendimento das questões que envolvem o mundo. Almejam-se, porém, que gradativamente o projeto adquira um caráter de parceria interdisciplinar, haja vista a abrangência dos problemas detectados.

ABSTRACT

School related social problems and the contribution of Geography

The text tries to present the project of research in development at EEPG "Procópio Teixeira", situated in Campinas municipality.

Based on the principles of participative research, the authors proposes to obtain through Geography the comprehension, from the related parts, of questions on social order listed by the teachers. These questions are considered problematic for total effectiveness of the teaching - learning process that is developed in the mentioned school in Campinas.

The authors believe that the Geography, along with other subjects that compose the school curriculum is a way and instrument of understanding of the questions that involve the world. The objective however is that gradually the project gets a character of interdisciplinary partnership, regarding the extend of the detected problems.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem - prática pedagógica - Geografia crítica

Key-words: social problems - teaching and learning process - Geograpy - interdisciplinarity

A CONTROVÉRSIA
MODERNIDADE X
PÓS-MODERNIDADE

Armando Corrêa da Silva¹

NOTAS

O Mito da Globalização-Mundialização

Para Anthony Giddens² a globalização se refere a uma situação em que "o nível de distanciamento tempo-espaco é muito maior do que em qualquer período precedente, e as relações entre formas sociais e eventos locais e distantes se tornam correspondentemente "alongadas". A globalização se refere essencialmente a este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da Terra como um todo." (Giddens, 1991: 69)

"A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa." (Giddens, 1991: 69)

Há muita coisa escrita sobre isso³, mas o texto acima é suficiente para meu propósito aqui, ou seja, a questão do mito.

Tomo a palavra no sentido de fábula em dois contextos: 1. o de exaltação de um período heróico; e 2. O de fantasia não científica ou lógica.

No primeiro caso encontram-se declarações de empresários⁴ e também acadêmicos⁵. No segundo, mais importante, estamos diante do imaginário que o fenômeno proporciona. Por que?

¹ Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e sócio da AGB.

² Giddens, A. (1991). As Consequências da Modernidade, Editora UNESP, São Paulo. Há outras definições de globalização e mundialização.

³ Santos, M., Souza, M. A. De, Silveira, M.L. (1994) Território, Globalização e Fragmentação, Editora Hucitec, Associação Nacional de Pós-Graduação, Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, São Paulo.

⁴ Ortiz, R. (1994) Mundialização e Cultura, Editora Brasiliense.

⁵ Idem.

Em primeiro lugar está a questão da velocidade da vida contemporânea, quando a teoria está sempre correndo atrás da paralogia dos inventores⁶, num processo em que os melhores trabalhos escritos sobre o assunto ficam logo defasados, sem contar seu caráter fragmentário e efêmero.

Não quero adotar aqui uma posição nostálgica. Minha experiência do tempo-espaço⁷ que já conta com cerca de 50 anos faz com que me encontre nos textos modernos e igualmente nos pós-modernos.

Minha trajetória acadêmica, que dediquei em grande medida ao estudo do lugar, entendido como núcleo da identidade, vivi a passagem do antes e do depois.

Da situação de vivenciar o lugar como a referência às raízes, passei, nesses 50 anos, à situação de me sentir fora do lugar.

Escrevendo sobre isso cheguei à idéia de que vivemos hoje cada um em seu lugar sem estar em lugar algum.⁸

Quando me refiro ao mito, chama-me a atenção a existência simultânea de pessoas vivendo em duas situações distintas: a daquelas que vivenciam a globalização e a mundialização "de fora" (objetivamente) e daquelas que interiorizaram esse fenômeno (subjetivamente).

Uma análise acurada do cotidiano - e há referências a isso inclusive nos países hegemônicos⁹ - mostra que a globalização e a mundialização são processos, ou tendências, que atingem de modo bastante desigual as pessoas. Por isso mesmo, em função de suas histórias de vida e mentalidades elas reagem de modo não homogêneo aos fenômenos da fragmentação, da desconstrução, do "fim da história", conforme o maior ou menor peso da tradição.

A sociedade global¹⁰ em formação refere-se a um grupo especial de atores, ligados direta ou indiretamente (mas conscientes) às transformações do capitalismo desde os anos 60. A maior parte da humanidade não tem conhecimento ainda do que está ocorrendo, como significado efetivo para si dessas transformações: multidões de excluídos no Terceiro Mundo, milhões de pessoas nos países socialistas existentes (com referência especial à China), crianças, grupos transversos aos parâmetros do sistema mundial¹¹ etc.

⁶ Lyotard, J-F (1989) A condição Pós-Moderna, Gradiva-Publicações Lda., Lisboa.

⁷ Harvey, D. A Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural, Edições Loyola, São Paulo.

⁸ Silva, A. C. Da (1989) A Metrópole e as Razões da Razão Técnica, xerox, inédito, São Paulo.

⁹ Connor, S. (1992) Cultura Pós-Moderna. Introdução às Teorias do Contemporâneo, Edições Loyola, São Paulo.

¹⁰ Ianni, O. (1993) A Sociedade Global, 2ª Edição, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

¹¹ Wallerstein, I. (1974) The Modern World System, Academic, New York.

Além disso, a globalização e a mundialização, cujas matrizes são alguns governos e firmas transnacionais, operam em circuitos desconhecidos da maioria da população.

Quero com isso referir-me a dois aspectos da contemporaneidade que suscitam comportamentos diversos: o de resistência às inovações (porque lhes aparecem como fetiches) e, principalmente, o uso que as pessoas fazem delas.

No caso do Brasil, o capitalismo tardio¹² mostra uma sociedade em mudança, num processo em que o capital se defronta com atores ligados à produção (ética protestante) e ao consumo (hedonismo).

No passado recente (pós-segunda guerra mundial) a influência do Estado do Bem Estar Social e do nacionalismo davam ao Estado-Nação um perfil popular que muitas vezes foi confundido com populismo.

Atualmente, destruído o modelo anterior, o país encontra-se ante o dilema de desenvolver-se na lógica da segregação e da exclusão.

O mito configura-se, assim, como a crença na solução dos problemas e como o medo de transformações que não são entendidas pela maioria.

Desse modo, combinam-se nas transformações atuais perversidade¹³ e lógica.

Isto tem relação com a mudança cultural. Ora, mudança cultural significa mudança de valores. Daí a paranóia na modernidade e a esquizofrenia na pós-modernidade.¹⁴

A controvérsia modernidade x pós-modernidade é resultado de um processo cujas estruturas são atuais e nas quais estamos imersos. Daí a dificuldade da análise¹⁵.

Agora, que a massa não é mais um conjunto amorfo embora homogêneo, mas uma reunião de individualidades, qual o perfil da sociedade atual?

O turbilhão¹⁶ do presente torna problemática a questão da legitimação.¹⁷

No cenário hiper-real da globalização e mundialização, que é multiforme, desenha-se um futuro que está contido no inconsciente e na mente

¹² Mandel, E.. (1975) Late Capitalism, NBL/Verso, London.

¹³ Santos, M. (1994) Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico, Editora HUCITEC, São Paulo.

¹⁴ Harvey, D., Idem, Ibidem.

¹⁵ Connor, S., Idem, Ibidem.

¹⁶ Berman, M. (1987) Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade, 2ª reimpressão, Companhia das Letras, São Paulo.

¹⁷ Habermas, J. (1990) O Discurso Filosófico da Modernidade, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

vazia, onde o sistema ainda não penetrou.

Qual a capacidade humana de elaborar uma concepção do mundo, que não seja um simulacro, e que restitua o comando da interação¹⁸ e o si¹⁹ do pós?

.....

A Geografia está agora voltando-se para o cultural e o social.

Ao fazê-lo defronta-se com sua própria imagem. O espelho da natureza²⁰ e da sociedade são virtualidades que os muitos olhares têm que decifrar.

O geográfico constrói-se agora com cada geração universitária que chega à Academia.

O professor situa-se, assim, na posição de aprender e em por em dúvida o que sabe.

Há mais descaminhos do que caminhos.

Na indeterminação do presente a intersubjetividade objetiva-se na tela, onde a imagem aponta o imponderável. Ver e sentir.

Na modernidade a explicação deve vir daí.

Na pós-modernidade a totalidade apresenta-se como desejo.

São Paulo, 04 de março de 1995

¹⁸ Habermas, J., Idem.

¹⁹ Lyotard, J-F, Idem, Ibidem.

²⁰ Rorty, R. (1988) A Filosofia e o Espelho da Natureza, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

CONTEXTOS E CIRCUNSTÂNCIAS: PRINCÍPIO ATIVO DAS CATEGORIAS

Paulo Roberto de Oliveira Rosa¹

As categorias são formas que permitem ou possibilitam uma interpretação mais coerente das contextualizações que circunscrevem o Espaço Geográfico.

Se considerarmos que a Geografia é uma ciência que parte de categoria (forma) para o concreto, ela só existirá se ocorrer a produção por outro ente e não pela Geografia.

Mas se, e somente se, houver observação do/no concreto e daí constituir-se a categoria, teremos então uma originalidade.

O espaço Geográfico diferencia-se do espaço Geométrico, no entanto, aquele está contido nesse, o que o torna um singular nesse, é que a área é um locus que contém elementos cuja interação e intersecção agem e permitem a alimentação de outro sistema ou elemento. Daí, a área deixa de ser área, e passa à categoria lugar, pois já contém em si estímulo de interesse. Um elemento que pode ser um indivíduo migrante chega nesta área e esta contém suprimento. Essa área, então, se torna lugar e permite a produção e reprodução, tornando-se habitat. Este contexto, concreto, já produz a circunstância onde o habitat contém fonte de suprimento e será o elemento de proteção para conservação da vida. Essa circunstância é uma flexão da índole do indivíduo para manutenção de sua sobrevivida, e se traduz pelos laços e relações, com fim de evitar correlações de outros elementos da mesma espécie, e que estejam na migração em busca das mesmas condições. Outros iguais ameaçam a integridade ou integralização do futuro. Dessa ameaça surgem componentes como força, controle, domínio e movimento (trabalho) dando nova condição ao habitat - é denotado como território ou apenas domínio, pois aquele contém o elemento sujeito social, e este, apenas indivíduo natural.

Aí está, o território passa a ser a concretude do ser social, pois é neste que se configura a índole através da topofilia, tendo como resultado o trabalho que já vai além da (re)produção, pois contém em seu âmago, a proteção.

¹ Professor da Universidade Federal da Paraíba